

Laura Cavalcante Padilha - *Novos Pactos. Outras ficções: Ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras*
Porto Alegre - EDIPUCRS, 2002; Coimbra - Imbondeiro, 2003

Margarida Calafate Ribeiro*

Em *Novos Pactos. Outras ficções: Ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras*, Laura Cavalcante Padilha reúne vinte e nove ensaios apresentados em três grandes grupos: 'Dobras narrativas', com textos dedicados especialmente à ficção angolana - de Assis Júnior e Alfredo Troni ou Castro Soromenho a Pepetela, Boaventura Cardoso ou Sousa Jamba -, mas também a *Partes de África*, de Helder Macedo, Mia Couto e às 'casas' queirosianas, unidos pelas diversas maneiras de enunciar África; 'Novas fiandeiras de palavras', constituído por seis excelentes ensaios dedicados a sujeitos autorais e poéticos femininos, dando assim eco ao « grito diferente e, através dele, a fala dos excluídos dos rituais canónicos »: Alda Espírito Santo, Alda Lara e Noémia de Sousa são lidas nas suas vozes activas contra o(s) colonialismo(s), mas também Odete Semedo, Vera Duarte e, com especial incidência, Paula Tavares; finalmente, a terceira parte, 'Diálogos, reconversões, contaminações', é composta por dez ensaios, de que destaco os dedicados à poética de Edmilson de Almeida Pereira, na sua forma de dizer África no Brasil e estudado em diálogo comparativo com duas grandes vozes africanas: Francisco José Tenreiro e Ruy Duarte de Carvalho.

Desta forma, a apresentação expressamente fragmentária que este tipo de livro encerra, ganha organicidade e unidade, destacando a navegação surpreendente e ambiciosa que Laura Padilha nos oferece da ficção e da poesia produzida em língua portuguesa. Ora trabalhando os textos portugueses, angolanos, moçambicanos, são-tomenses ou brasileiros per si, ora analisando as margens dos universos literários, onde situa as escritas silenciadas das mulheres africanas ou dos negros no Brasil, ora ainda usando a dimensão comparativa, como por exemplo, nos pertinentes cruzamentos entre as vozes poéticas de Alda Lara e de Florbela Espanca, de Edmilson de Almeida Pereira e de Ruy Duarte Carvalho, de Edmilson de Almeida Pereira e de Francisco José Tenreiro

* Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra.

e, de um ponto de vista ficcional, entre Helder Macedo e Mia Couto, Pepetela e Manuel Rui ou Pepetela e Boaventura Cardoso, Laura Padilha pensa criticamente o universo lusófono. Universo composto por «partes», como anuncia e enuncia *Partes de Africa*, de Helder Macedo, que Laura Padilha elege como um texto português seminal para o diálogo intercultural em que as partes africanas, portuguesas, brasileiras que compõem o universo em análise não são mais vistas sob o olhar saudoso português, mas como um percurso identitário múltiplo a construir num constante movimento impulsionado teórica e textualmente pelos 'não cânones' do sul.

Canône é, ao longo dos ensaios de Laura Padilha, uma palavra especialmente motivada e questionada. 'Fará a África parte do Ocidente?'(p. 241), interroga Laura Padilha. Parodiando o 'olhar sphingico e fatal' de Pessoa, pelo que ele deixa de fora, Laura Padilha persegue as criações desse 'entrelugar onde a fala própria interage com a alheia, criando-se a terceira margem' (p. 241) ou, por outras palavras, onde se tecem outras vozes em diferença. Utilizando um manancial teórico que desde logo desafia o 'cânone ocidental', branco e masculino, ao fazer dialogar, lado a lado, os grandes teóricos ocidentais, mas também os africanos de língua portuguesa, francesa ou inglesa e os brasileiros, pelas privilegiadas vozes de Antônio Cândido, Alfredo Bosi, Silviano Santiago, Leda Martins ou Vera Queirós, Laura Padilha interroga também o incipiente 'canône' africano lusófono estabelecido (ainda que não previamente pensado como tal) pelas obras pioneiras de Manuel Ferreira, Gerald Moser ou as conhecidas entrevistas de Michel Laban. Em 'A diferença interroga o cânone' a pergunta impõe-se e lança o alarme: onde estão as mulheres, onde estão os negros? Será este 'canône' reprodutor do tal outro, ocidental, masculino, branco, revestido de vestes e vozes africanas? Por que razão se insiste em apontar um centro que apaga as diferenças? As questões levantadas por Laura Padilha não são portanto meramente teóricas ou meramente literárias. Questionam o(s) centro(s) a partir das margens, pois é lá que, nas leituras da ensaísta, se afirmam as diferenças e se depuram as identidades.

Partindo do princípio, teoricamente muito bem fundamentado, de que a ficção contemporânea de Angola e de Moçambique constitui um terreno fértil e impossível de ignorar para quem se interessa pela construção das identidades nacionais destes países, Laura Padilha

aborda, ao longo de vários ensaios e de forma bastante diversa, dois elementos que me parecem muito pertinentes: por um lado, e particularmente em relação ao imaginário angolano, a importância da reinvenção mitopoética de Luanda e da Lunda, ‘metáforas da existência de duas Angolas’ (p. 27) em permanente tensão, e, por outro lado, a reinvenção / recuperação da tradição nestas literaturas, em especial a combinação e a convivência entre o texto tradicional oral e o escrito, o que inevitavelmente traz em si a questão da língua portuguesa.

Relativamente ao primeiro aspecto partiria do ensaio ‘Ficção angolana pós-75 processos e caminhos’, em que a autora nos dá conta dos trilhos seguidos pós-independência das ‘Angolas’ desenhadas por Luandino Vieira – a Luanda dos musseques, nas também do cimento, com a mão do colonizador e a sua ocidentalização urbana - e por Castro Soromenho a Lunda, ‘berço de Lueji’ e ‘forma de condensação imagística de outras realidades angolanas onde, (...) avultaram senzalas e quimbos, como negros sinais’ (p. 27 / 28). Duas Angolas que a independência não desfez e que, de outras formas e noutras representações, terá até acentuado (p. 28), como mostra Laura Padilha na profunda leitura que faz das obras de Pepetela, Manuel Rui e Boaventura Cardoso ao longo de vários ensaios. Na leitura da ensaísta, o retorno às raízes que todas as obras referidas oferecem afirma como maior traço de união a ‘língua de todos’, o português, mas dita na forma em que a ‘letra abraça a voz’ (p. 30)

De acordo com Laura Padilha a ‘semântica da diferença’ que estas literaturas exprimem acontece a partir de ‘falas-em-diferença’ enunciadas em português (p.37). Tal diferença inscreve-se na ruptura com os padrões estéticos do ocidente branco, europeu, tornando-se capaz de criar o lugar imaginado, onde o homem africano luta por se tornar sujeito do seu próprio destino, da sua história e da sua língua. Obras como as de Luandino Vieira, Pepetela, Ungulani Ba Ka Khosa, Manuel Rui e Mia Couto são objecto de exemplo e de estudo pelas diversas leituras que oferecem da riqueza do processo linguístico e da crueza do processo histórico. No universo narrativo escrito, a forma mais explorada de tentativa de superação desse processo histórico toma como ponto de partida a recuperação, da tradição africana e, portanto, da oralidade, como Laura Padilha demonstra na análise comparativa que nos oferece de obras como *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto e *O*

Desejo de Kianda, de Pepetela. Assim, a autora mostra como a língua portuguesa se dobra aos contornos africanos e ganha novas cintilações. Esta 'dobragem' da língua portuguesa aos seus múltiplos utilizadores torna-se 'ela própria um instrumento que se volta contra o processo de dominação, abrindo-se para o dialogismo cultural que passa a veicular' (p. 51). É assim que vemos como a sua posse se torna parte do processo de reivindicação identitária, nos textos africanos pré-independência. Nos textos pós-75 tudo sofre uma viragem, pois o projecto político, social e cultural é fruto do anterior, mas é já outro. Contudo, os textos continuam a sua aposta na desterritorialização. A intenção didáctica e lúdica que permeia o texto oral, transfigurada em texto escrito, mantém-se, mas a cenarização é outra, como mostra Laura Padilha, na senda de *Sim, Camarada*, de Manuel Rui: os portugueses saem de cena e restam os angolanos divididos entre « incluídos e excluídos » (p. 52). Desde o início a nação angolana emergente está plena de fissuras ameaçadoras e impulsionadoras de uma nova semântica da diferença: as novas guetizações geradas na Angola independente em que os excluídos ou dominados são identificados como inferiores das tais 'duas', ou mais, 'Angolas', de que falávamos inicialmente. Neste contexto, e como nos textos pré-independência, a tradição continua a ser o imaginário da alteridade. Por isso, e como muito bem enunciou Laura Padilha, 'Recuperar, pois, a tradição significa trazer para a cena do texto a marca da alteridade, para com ela atingir-se, a um só tempo, a modernidade e a descolonização da fala literária' (p. 49).

De tradição e de oralidade 'fantasiada de escrita' falamos as vozes de Noémia de Sousa, Alda Lara e Alda do Espírito Santo, cujos poemas Laura Padilha lê admiravelmente como gritos poéticos individuais e colectivos, explorando não apenas a questão da raça, mas também a questão da diferença sexual. Ligações possíveis são estabelecidas com os continuados gritos das mulheres africanas mais jovens e as suas novas modelações, nomeadamente em Paula Tavares, cuja voz poética seduz, merecidamente, a ensaísta. Ainda 'a última que é a última entre os negros que já são últimos na concepção dos demais povos civilizados'(nas palavras de Alda do Espírito Santo citadas por Laura Padilha (p. 180)), a mulher é, em Paula Tavares, a maior vítima dos senhores da guerra, mas também o maior foco de resistência, pois são elas que inventam a vida, continuando a nação nas suas tarefas

tradicionais que a guerra insiste em desfazer e destruir. Mas, como Laura Padilha tão bem mostra, a mulher é também corpo numa relação de cinco sentidos com a terra africana por si semeada de palavras portadoras de uma voz e de uma sensualidade outra, geradoras de uma utopia outra, de uma vida outra, que afirma a diferença num terreno pleno de falos e de morte numa nação adiada.

Para terminar não poderia deixar de referir a gloriosa tarefa de Laura Padilha de, ao indagar os canônes, a origem das teorias e a sua aplicabilidade ou falência face ao universo literário africano, nos proporcionar um diálogo único entre as várias correntes e estudiosos que têm animado a crítica ocidental e os outros, os do sul, africanos ou brasileiros, ao mesmo tempo que nos instiga a reflectir sobre a necessidade de um corpo crítico e teórico para pensar o universo literário africano. Esta é, nas palavras de Laura Padilha, 'uma das obsessões fantasmáticas dos estudiosos brasileiros dessas literaturas' (p. 331), de que a inquietação crítica de Laura Padilha é seguramente líder. Assim, no entender da ensaísta, estaríamos realmente descolonizados e capazes de analisar as especificidades deste vasto universo, não como um apêndice da crítica ocidental ou um parente pobre que aproveita os restos de teorias sobre uma modernidade que não é africana, mas de uma leitura crítica dialogante com o exterior, que não ofusque ou não refira outros pensadores que até pela língua em que se exprimem acabam por ser marginalizados ou mesmo desconhecidos. É neste aspecto fundamental o diálogo que Laura Padilha estabelece entre uns e outros, mostrando-nos a pertinência e a originalidade do pensamento de uns e outros.

Pensar o universo lusófono à altura da sua variedade e da sua produção estética é o sonho, realizado neste livro e a continuar, de Laura Padilha ; guetizá-lo ou torná-lo satélite de outros sempre em busca de algo que não é nosso, ocultando ou rasurando o nosso, é o seu receio e a razão da sua luta. Pela provocação ideológica, pela leitura crítica comparativa que oferece e pela excelência do texto, *Novos Pactos. Outras ficções: Ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras* instiga-nos a reler, a pensar, a dialogar. Com este livro, e sem esquecer *Entre Voz e Letra – O Lugar da Ancestralidade na Ficção Angolana do Século XX* (Nitéroï, EDUFF, 1995), Laura Padilha consagra-se como uma voz cimeira do ensaísmo lusófono.